

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

**BIATRIZ SILVA LOURENÇO
CAIO AUGUSTO MILHOMEM ARAÚJO
DHÁRLEY AIRES DE OLIVEIRA**

**PROPOSTA PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO NO ENSINO DE
ARTE PARA CRIANÇAS DO ESPECTRO AUTISTA.**

**GOIÂNIA
2021**

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás(UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar (em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Biatrix Silva Lourenço, Caio Augusto Milhomem Araújo, Dhárley Aires De Oliveira

Título do trabalho: Proposta Pedagógica Como Estratégia De Inclusão No Ensino De Arte Para Crianças Do Espectro Autista.

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Biatrix Silva Lourenço

Caio Augusto M. Araújo

Dhárley Aires de Oliveira

Assinatura do(a)(s)
autor(a)(es)(as)

Ciente e de acordo:

Dorena P. Abdala

Assinatura do (a)orientador(a)

Goiânia, 21 de Maio de 2021

⁵ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

BIATRIZ SILVA LOURENÇO
CAIO AUGUSTO MILHOMEM ARAÚJO
DHÁRLEY AIRES DE OLIVEIRA

PROPOSTA PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO NO ENSINO DE
ARTE PARA CRIANÇAS DO ESPECTRO AUTISTA.

Trabalho apresentado a Universidade Federal de
Goiás - UFG, Campus Samambaia, como
requisito para obtenção do título de Licenciatura
em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Lorena Pompei Abdala

GOIÂNIA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lourenço, Biatriz Silva

PRÓPOSTA PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO NO
ENSINO DE ARTE PARA CRIANÇAS DO ESPECTRO AUTISTA

[manuscrito] / Biatriz Silva Lourenço, Caio Augusto Milhomem Araujo ,
Dharley Aires de Oliveira . - 2021.

39 f.

Orientador: Profa. Dra. Lorena Pompei Abdala.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2021.

Anexos.

1. Autismo. 2. Abordagem triangular. 3. Inclusão. I. Araujo , Caio
Augusto Milhomem. II. Oliveira , Dharley Aires de . III. Abdala,
Lorena Pompei, orient. IV. Título.

CDU 7

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA EAD**

**BIATRIZ SILVA LOURENÇO
CAIO AUGUSTO MILHOMEM ARAÚJO
DHÁRLEY AIRES DE OLIVEIRA**

**Proposta Pedagógica Como Estratégia De Inclusão No Ensino De Arte Para
Crianças Do Espectro Autista**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

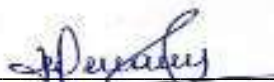
Defendido e Aprovado publicamente em 21 de Maio de 2021, pelos seguintes membros da banca:



Profª. Dra. Lorena Pompei Abdala – Orientadora
Universidade Federal de Goiás



Profª Ma. Gisele Costa Ferreira da Silva – Avaliadora
Universidade Federal de Goiás



Profª Ma. Hertha Tatiely Silva – Avaliadora
Universidade Federal de Goiás

GOIÂNIA, 21 de Maio de 2021.

Dedicamos este trabalho a todos os arte-educadores que lutam neste país por uma educação mais inclusiva e humana.

Agradecimentos

Gostaríamos primeiro, de agradecer a Deus que nos iluminou durante todo esse percurso;

Somos gratos pelo trio que formamos, pois a nossa união nos trouxe até aqui;

Agradecemos nossos familiares pelo apoio e pela compreensão nas horas de ausência;

Agradecemos a Márcia Alves, nossa amiga querida e amada, por estar conosco desde o início do curso nos inspirando e apoiando sempre;

Agradecemos a todos os nossos queridos professores.

“As nuvens mudam sempre de posição, mas são sempre nuvens no céu. Assim devemos ser todos os dias, mutantes, porém leais com o que pensamos e sonhamos; lembre-se, tudo se desmancha no ar, menos os pensamentos”.

(Paulo Beleki)

Resumo

Este trabalho apresenta uma proposta pedagógica baseada na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que aparenta ser uma proposta coerente para trabalhar com crianças com transtorno autista. Este trabalho propõe-se ainda esclarecer e trazer uma possibilidade para os docentes em artes visuais, tornarem suas aulas mais inclusivas, analisando o transtorno autista e como crianças que o possuem podem aprender artes visuais.

Palavras chaves: Autismo, abordagem triangular, inclusão.

Abstract:

This work presents a pedagogical proposal based on Ana Mae Barbosa's triangular approach, which appears to be a coherent proposal for working with children with autistic disorder. This work also aims at clarifying and bringing a possibility for teachers in visual arts to make their classes more inclusive by analyzing the autistic disorder and how children who have it can learn visual arts.

Keyword: Autism, Inclusion, triangular approach.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PREVISÕES LEGAIS DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	9
3. ESPECTRO AUTISTA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA	14
4. METODOLOGIAS DO ENSINO DE ARTES VISUAIS E INCLUSÃO	19
5. ADAPTAÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE ENSINO DAS ARTES VISUAIS PARA PESSOAS DO ESPECTRO AUTISTA.	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXOS	36

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, ensinar e aprender perpassa por valores que são de extrema relevância para a sociedade moderna. Desde a criação da Lei de Diretrizes e Bases, em 1996, e da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de 2015, a escola passou a pensar na inclusão. Neste sentido, esse trabalho propõe-se a analisar a relação entre a inclusão e as metodologias de ensino em artes visuais, apresentando uma abordagem pedagógica que aos olhos destes formandos caracteriza-se como uma abordagem inclusiva para crianças com autismo dentro da área de artes visuais.

Embora se tenha uma sala de aula em evolução, ainda nos deparamos com situações que exigem professores qualificados, preparados e dispostos para esse desenvolvimento diário. Pensando nestas situações, um dos pontos relevantes está em pensar na sala de aula como um grupo heterogêneo com alunos diferentes entre si, alguns com altas habilidades, outros com dificuldades extremas. É nesse sentido que se busca compreender as possibilidades educacionais do ensino das artes visuais como uma ferramenta indispensável para esse processo que envolve não somente os educandos com necessidades educacionais especiais, mas todo o grupo escolar e a comunidade.

Para a realização de um trabalho docente adequado faz-se necessário que o professor vá além de entender, respeitar e identificar as características de cada aluno com necessidades educativas especiais. Este trabalho faz uma observação de alunos do espectro autista, bem como que estes podem apreender de forma inclusiva, analisando metodologias de artes visuais existentes buscando adaptá-las de forma a garantir as necessidades cognitivas de alunos com espectro autista. Entendemos ser o papel do professor conhecer a individualidade de cada aluno, pois existe uma gama de variações de dificuldades que cada aluno apresenta de forma particular.

O segundo item deste trabalho faz uma abordagem legal da inclusão de crianças dentro do sistema educacional brasileiro, passando assim por todo um arcabouço legislativo desde a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 até a lei de inclusão de 2015. Assim, esse capítulo informa que, legalmente, há bastante tempo, estamos falando em inclusão, porém fica ressaltado que essa inclusão ficou apenas em seu aspecto

legal por um longo período, sem que, efetivamente, as escolas estivessem preparadas para lidar com inclusão.

O terceiro item do trabalho apresenta o Transtorno do Espectro Autista, que é um transtorno que muda o comportamento humano desde a linguagem até a socialização com as pessoas próximas ou distantes. Com isso, as pessoas com espectro autista tendem a ignorar as outras pessoas, não manter o contato visual, apresentam dificuldade em socializar com crianças da mesma idade ou adultos, apresentam movimentos repetitivos e necessidade de rotinas. O autismo é considerado um transtorno tanto de comportamento quanto mental, mas nem todos os casos podem ser associados à deficiência mental ou a outras doenças. Evidencia-se que nem todas as pessoas com Transtorno do Espectro Autista apresentam uma deficiência intelectual, assim Salvador (2000 p.83) nos esclarece que:

Aproximadamente 10 a 15% dos indivíduos com autismo têm inteligência normal ou acima do normal (incluindo aqueles que possuem QIs acima da média); 25 a 35% estão numa média à beira de um suave retardo mental, enquanto os outros são, moderada ou profundamente, retardados.

Assim, no capítulo quarto deste trabalho são apresentadas as metodologias de ensino das artes visuais de Ana Mae Barbosa e John Dewey, abordagens que tornam possível práticas de ensino que possibilitam um trabalho docente consciente e direcionado que podem ser usadas para trabalhar com crianças do espectro autista.

No capítulo quinto será apresentada uma proposta pedagógica baseada na abordagem triangular de Ana Mae, que aparenta ser uma proposta coerente para trabalhar com crianças com este transtorno. Lembrando que, devido à pandemia do Novo Coronavírus, não houve a possibilidade de aplicar de fato a proposta pedagógica à faixa etária descrita nela. Trabalhamos apenas uma hipótese de aplicação que não foi testada de forma efetiva ou científica. Por fim, este trabalho propõe-se a esclarecer e trazer uma possibilidade para docentes em artes visuais tornarem suas aulas mais inclusivas.

2. PREVISÕES LEGAIS DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Pensar nas relações humanas dentro da nossa sociedade, sempre será um trabalho cheio de novas perspectivas e inusitadas descobertas, buscando sempre evoluir de forma coerente. Enquanto sociedade, nós nos relacionamos com a diversidade e com as diferenças.

Em outros tempos, pensaríamos apenas em um lugar onde fossem trabalhadas com cada pessoa especificamente as suas diferenças, pois não haveria lugar dentro das salas de aula ou ambientes de ensino para que todos se sentissem incluídos e pertencentes.

Pode-se entender que a educação, por mais que seja uma palavra pequena, tem um significado grandioso, com amplitude imensurável e que se concretiza na existência humana. De acordo com Celso de Melo (MELLO, 1986. p. 533), ao conceituar educação, o autor deixa transparecer o seu valor para a formação do cidadão e de toda a sociedade:

É mais abrangente que o da mera instrução. A educação objetiva propiciar a formação necessária ao desenvolvimento das aptidões, das potencialidades e da personalidade do educando. O processo educacional tem por meta: (a) qualificar o educando para o trabalho; (b) prepará-lo para o exercício consciente da cidadania. O acesso à educação é uma das formas de realização concreta do ideal democrático.

A educação tem a capacidade de ao mesmo tempo proporcionar meios para o desenvolvimento pessoal do indivíduo e, conseqüentemente, da sociedade na qual ele se encontra inserido. Podemos então entender que a educação é o ponto principal para uma sociedade que busca trabalhar de forma igualitária, compreendendo que cada cidadão tem um papel dentro do meio social.

A Constituição Federal (CF) no Capítulo III, artigo 205, estabelece a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, ingressando no ordenamento jurídico pela norma de hierarquia superior, motivo pelo qual a sua aplicação encontra-se sujeita ao controle do direito. O Artigo 205 da CF (Brasil. 1988) nos diz que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Entendendo que cabe ao Estado a oferta de ensino e aos pais ou responsáveis o acompanhamento dessas crianças no decorrer de sua vida acadêmica, desde os anos iniciais aos anos finais, a educação infantil é um direito constitucional de todas as crianças que vivem no Brasil conforme a emenda nº 59/2009, nos incisos I e VII do artigo 208 da Constituição, determinando a obrigatoriedade da educação básica dos 4 aos 17 anos de idade. Então, a matrícula tornou-se obrigatória a partir da educação infantil, sendo o acesso à creche um direito de todas as crianças de 0 a 3 anos, devendo o poder público ampliar sua oferta de modo que todos tenham acesso ao ensino.

Somado a esse pensamento, ainda temos no processo histórico da educação brasileira, desde o Brasil Colônia, a adoção de uma prática segregacionista de atuar na educação ou de não dar atenção às pessoas consideradas marginalizadas.

Isso começa a mudar como acima exposto, através da Constituição de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 que institui a educação especializada para pessoas com deficiências. Porém, por um período de tempo, não se falava em inclusão e a maioria das escolas brasileiras era segregacionista, ou seja, havia salas e locais especiais para crianças com deficiências intelectuais e físicas. Assim, neste período da história da educação não podemos falar de inclusão de fato, pois crianças consideradas “normais” ficavam separadas de crianças com necessidades especiais.

Não havendo interação e com separação de conteúdos e até mesmo de abordagens pedagógicas, neste período a escola tornou-se reflexo da sociedade na qual estava inserida, isto é, uma sociedade que não dava atenção às diferenças e que tudo que escapava ao padrão estabelecido, tendia a cair na marginalização ou até mesmo ser esquecido. A esse pensamento Libâneo (1990 p.52) acrescenta que:

Quando falamos da finalidade da educação no seio de uma determinada sociedade, queremos dizer que o entendimento dos objetivos, conteúdos e métodos de educação se modifica conforme as concepções de homem e da sociedade que, em cada contexto econômicos e sociais de um momento da

história humana caracterizam o modo de pensar, o modo de agir e os interesses das classes e grupos sociais.

Como explica Libânio, a educação é um reflexo da sociedade e dos grupos dominantes, porém a sociedade evolui e com esta a educação também passa a evoluir. Também, Oliveira e Veloso (2017) explicam que:

É considerada escola inclusiva aquela que abre espaço para todas as crianças, abrangendo, portanto, aquelas que apresentam necessidades especiais. Inspirada nos princípios da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que proclamou, dentre outros princípios, o direito de todos à educação, independente das diferenças individuais – esta declaração teve como referência a Conferência mundial sobre educação para todos – a educação inclusiva propõe que todas as pessoas com deficiência sejam matriculadas na escola regular. A inserção das pessoas com deficiência na educação básica compreende um processo de “dessegregação”, pois se trata da construção de uma sociedade inclusiva, compromissada com esse público. Portanto, não pode ser entendida como um processo paralelo ao contexto da educação comum.

Um pensamento importante acerca da inclusão está no livro *Artes Visuais na Educação Inclusiva*, onde Rodrigo Mendes¹ (2010) explica que durante uma conferência da qual participou, ouviu uma fala que propunha que pessoas com deficiência deveriam conviver com o restante da sociedade em igualdade, independentemente de onde fosse escola, trabalho, lazer entre outros. Esse pensamento altera completamente o ponto de vista de Mendes que, a partir de então, passa a receber todas as pessoas em seu instituto, não estando mais voltado apenas para pessoas com deficiências, mas para a sociedade de um modo geral.

Contudo, França (2014, p.38) nos elucida que a conceituação de educação especial vem se transformando ao longo do tempo:

No que diz respeito à educação, a expressão alunos ‘excepcionais’ passou a ser substituída por ‘alunos com necessidades educacionais especiais’, o MEC adotava a designação ‘portadores de necessidades educacionais especiais’, também havia a nomenclatura ‘portadores de deficiência’, porém ao

¹Rodrigo Hübner Mendes é graduado e mestre em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. É fundador presidente do Instituto Rodrigo Mendes, organização sem fins lucrativos que desenvolve programas de inclusão no campo da arte e da educação em diversas cidades brasileiras. Desde 2004 integra a rede internacional de empreendedores sociais Ashoka. Em 2008 foi eleito membro do Young Global Leaders, comunidade de jovens lideranças criada pelo Fórum Econômico Mundial.

analisarmos o termo 'portadores de' cai na armadilha do léxico que aprisiona o sujeito de portar ou carregar deficiências, necessidades ou direitos.

No entanto, é de responsabilidade do Estado pensar o processo de inclusão, entendendo que incluir é tornar todos pertencentes ao mesmo lugar, e pensar com equidade.

Nesse sentido, a ONU (Organização das Nações Unidas) nos diz que:

Os Estados Partes deverão tomar todas as medidas necessárias para assegurar às crianças com deficiência o pleno desfrute de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais, em igualdade de oportunidades com as demais crianças. Em todas as ações relativas às crianças com deficiência, o que for melhor para elas deverá receber consideração primordial. Os Estados Partes deverão assegurar que as crianças com deficiência tenham o direito de expressar livremente sua opinião sobre todos os assuntos que lhes disserem respeito, tenham a sua opinião devidamente valorizada de acordo com sua idade e maturidade, em igualdade de oportunidades com as demais crianças, e recebam atendimento adequado à sua deficiência e idade, para que possam realizar tal direito (ONU, 2006).

Cada cidadão deve estar amparado legal e socialmente para conviver nas mais distintas esferas da sociedade. Dentro dos processos legais, encontra-se a Resolução nº 5/2009 do Conselho Nacional de Educação (CNE) que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), adotando os pressupostos da educação inclusiva. Assim, as creches e pré-escolas passaram a se constituir em estabelecimentos educacionais, públicos ou privados, destinados à educação das crianças de 0 a 5 anos de idade. Ou seja, elas começaram a implementar uma proposta pedagógica elaborada e desenvolvida por professores habilitados, superando o modelo assistencialista e fragmentado, divorciado do sistema educacional.

Aproximando-se do nosso objeto de estudo em relação às pessoas com espectro autista, temos a Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, e altera o inciso 3º do art. 98 da Lei 8.112, 11 de dezembro de 1990 (Brasil, 1990).

A Lei Berenice Piana² (12.764/12) criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que determina o direito dos autistas a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS); o acesso à educação e à proteção social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades. Esta lei também estipula que a pessoa com transtorno do espectro autista seja considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais. Além destas políticas públicas mais abrangentes, vale destacar algumas legislações que regulam questões mais específicas do cotidiano:

Lei 13.370/2016: Reduz a jornada de trabalho de servidores públicos com filhos autistas. A autorização tira a necessidade de compensação ou redução de vencimentos para os funcionários públicos federais que são pais de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Lei 8.899/94: Garante a gratuidade no transporte interestadual à pessoa autista que comprove renda de até dois salários mínimos. A solicitação é feita através do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Lei 8.742/93: A Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que oferece o Benefício da Prestação Continuada (BPC). Para ter direito a um salário mínimo por mês, o TEA deve ser permanente e a renda mensal per capita da família deve ser inferior a ¼ (um quarto) do salário mínimo. Para requerer o BPC, é necessário fazer a inscrição no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) e o agendamento da perícia no site do INSS.

Lei 7.611/2011: Dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado.

Lei 7.853/ 1989: Estipula o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público e define crimes.

Lei 10.098/2000: Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Lei 10.048/2000: Dá prioridade de atendimento às pessoas com deficiência e outros casos.

Por fim, ao passo que todas as leis e projetos são de extrema importância, elas devem estar associadas a um trabalho diário, não apenas da pessoa com deficiência mas da sociedade como um todo, tornando possível que governo, setor privado e sociedade civil participem ativamente para que todos tenham assegurados os direitos e deveres como cidadãos.

²A primeira pessoa a conseguir a aprovação de uma lei por meio de iniciativa popular no Brasil é uma mulher chamada Berenice Piana, mãe de um menino autista. Sua busca por inclusão para o seu filho deu origem à lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que definiu o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como uma deficiência e ampliou para as pessoas com autismo todos os direitos estabelecidos para as pessoas com deficiência no país.

3. ESPECTRO AUTISTA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) ou Autismo trata-se de um distúrbio de desenvolvimento que atinge a área da comunicação social e comportamental. Buscamos compreender um pouco mais sobre como esse transtorno se manifesta através do olhar de pesquisadores da área da saúde, por meio de referências bibliográficas, para então partirmos para a busca de como poderíamos trabalhar com esse indivíduo dentro das abordagens artísticas.

Os primeiros sinais do autismo podem ser percebidos em bebês a partir de 8 meses. Observam-se os seguintes sintomas em crianças com autismo: dificuldade para interagir socialmente (manter o contato visual, expressão facial, gestos, expressar emoções e fazer amigos), ausência da linguagem verbal ou linguagem verbal pobre e alterações comportamentais como manias, ações repetitivas, interesse em coisas específicas, dificuldade de imaginação.

Somado a esse pensamento Monte e Furtado (2004, p.14) afirmam que:

O autismo, na verdade, refere-se a um conjunto de características que podem ser encontradas em pessoas afetadas dentro de uma gama de possibilidades que abrange desde distúrbios sociais leves sem deficiência mental até a deficiência mental severa.

Os diagnósticos de autismo podem ser acompanhados de habilidades impressionantes, como facilidade para aprender visualmente; atenção aos detalhes; capacidade de memória acima da média; e grande concentração em uma área de interesse específica. Além disso, eventualmente podem aprender a ler sozinhas antes dos quatro anos de idade sem que ninguém perceba como isso ocorreu.

No meio científico, Junior (2020, p.8) nos apresenta que:

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário), além de fatores ambientais (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente (março/2021) 1.003 genes já mapeados e sendo

estudados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 102 genes os principais.

Por conseguinte, compreende-se que o essencial é a busca por um diagnóstico médico para ajudar na definição das melhores intervenções, pois se deve compreender que o autista, antes de ser autista, é uma pessoa dotada de particularidades individuais e os traços de autismo podem ser leves, moderados ou severos, englobando todos os níveis de inteligência e vários graus de comunicação e habilidades sociais.

Através de uma entrevista com uma mãe que prefere não ser identificada por motivos pessoais a qual chamaremos de Maria, ela relata que o primeiro sinal que a criança apresentou foi o atraso na fala. Até os dois anos ele não falava nenhuma palavra e balbuciava alguns sons quando queria que alguma necessidade fosse atendida. A primeira profissional que os pais procuraram foi uma fonoaudióloga, quando ele estava com 2 anos e meio. Nessa ocasião, a profissional, segundo a entrevistada, disse que era normal esse atraso em algumas crianças e que precisava aguardar o seu desenvolvimento. Ainda segundo Maria, o mesmo já havia sido dito por uma médica pediatra consultada pela família acerca do atraso do filho.

Assim, os indivíduos geralmente não apresentam os mesmos sintomas, possuindo particularidades distintas. Tudo ao seu redor vai influenciar na forma como essa pessoa se relaciona com o outro, inclusive em seu meio familiar.

Maria comentou que aos 3 anos eles começaram a notar no filho outros comportamentos que o diferenciavam de outras crianças da mesma idade, como por exemplo a dificuldade em brincar com outros colegas. A criança não mostrava nenhum interesse em brincar com seus pares, preferindo se isolar e brincar com seus próprios objetos.

Monte e Furtado (2004, p.15) explicam que o ponto de partida é a chamada tríade de dificuldades—comunicação, interação social e uso da imaginação—presentes na criança com autismo, e que tem como principal consequência a facilidade para lidar com o universo concreto.

Em complemento a essa ideia, Júnior (2020, p.8) nos apresenta que:

O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudióloga, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista.

O autismo pode ser medido pela gravidade do comprometimento, podendo as pessoas com este transtorno apresentar algum nível de deficiência intelectual, oscilando em grau de 1 a 3, sendo que o grau 1 é considerado leve, o 2 é considerado grau moderado e o grau 3 considerado severo.

As pessoas que apresentam o grau 1 quase não necessitam de suporte para as suas rotinas da vida ordinária, não apresentam limitação na interação social, podendo ter pequenos problemas na área de comunicação verbal, falhas na organização e planejamento e independência de suas atividades diárias. Já pessoas de grau 2 possuem um comprometimento das habilidades de comunicação verbal e não verbal, precisando de um suporte para o aprendizado e as interações sociais. Casos de grau 3 demandam maior apoio para as rotinas da vida cotidiana, pois apresentam limitações graves de comunicação, interação social e têm a capacidade cognitiva prejudicada. Além disso, são caracterizadas pelo isolamento social e alta inflexibilidade de comportamento.

Na entrevista mencionada, Maria relata que, atualmente, o filho está com 9 anos. Ela refere que, acerca do comportamento do filho, o que se destaca é a dificuldade em socializar-se. Apesar de querer estar entre outros, brincar e ter amigos, o filho não consegue chegar sequer a estabelecer uma conversa. Entre tantas dificuldades encontradas pelo filho autista, e ressaltando sua própria realidade, Maria relata que, às vezes, a criança aproxima-se de outras da mesma idade e fala sobre coisas totalmente desconexas da situação, por exemplo, fala sobre um filme que assisti há tempos, ou algo que pesquisou na Internet. Segundo ela, essas situações geram a falta de interesse das outras crianças por socializarem com seu filho, por não compreenderem o seu pensamento.

Para além do diagnóstico e mapeamento dos distúrbios comportamentais e de comunicação, não existe cura para o autismo, embora existam evidências de que abordagens educacionais, apoio à família, suporte de profissionais qualificados e serviços de qualidade na comunidade, podem elevar a qualidade de vida da pessoa com autismo. Assim Liberalesso (2021, p.22) complementa que:

Muitas vezes desconfiamos da ciência porque ouvimos cientistas falando coisas muito diferentes entre si. Isso parece estranho, mas é natural, pois a ciência é um campo em movimento, estamos continuamente produzindo novos conhecimentos e para que isso ocorra é necessário que os cientistas pensem coisas diferentes e explorem todas as possibilidades que se possa imaginar. Fazer ciência é deixar sempre a janela da inovação e exploração aberta. Mas é normal que muitas coisas investigadas não deem em nada, ou seja, sejam hipóteses falsas, como a ideia de que o autismo era causado pelas “mães geladeira” e, por outro lado, outras coisas ganhem força à medida que as pesquisas avançam, tal como o papel predominante da genética no autismo. Quando falamos em intervenções (em saúde, educação ou medicamentos) é preciso ter um cuidado redobrado, pois não podemos submeter as pessoas com TEA a condições degradantes, como hipóteses que podem ser equivocadas e perigosas. Daí que só consideremos como um tratamento de verdade aquilo que passou por testes rigorosíssimos de segurança e eficácia. É o que chamamos de “ter evidência”, quando a quantidade e qualidade dos estudos é tão grande que podemos garantir que se trata de algo que funciona

Atualmente existem práticas que se apoiam no conhecimento científico e programas que realmente fazem diferença na vida dos autistas. Estas estão sendo utilizadas para melhorar a interação entre pais e filhos, sempre com ênfase no desenvolvimento social e na comunicação. Destaca-se, outrossim, que há elementos essenciais como a educação, o apoio da comunidade, tratamentos médicos e psicológicos que de forma significativa transforma positivamente a realidade de crianças autistas.

4. METODOLOGIAS DO ENSINO DE ARTES VISUAIS E INCLUSÃO

Quando pensamos em um ensino e processos educacionais que possibilitem a inclusão, de maneira alguma deixamos de lado ou nos esquecemos da arte, por compreendermos que ela está presente desde os primórdios da humanidade e desde então ela não deixou de estar presente no nosso dia a dia. Ana Mae Barbosa nos afirma que:

[...] A arte é tão importante que existe desde o tempo das cavernas [...] Quando há uma crise educacional, a primeira disciplina que se corta é a arte. Mas apesar disso, resiste até os dias de hoje porque arte é o esforço do ser humano para representar o mundo ao seu redor e representar também os ritmos constantes da vida. Então o ensino da arte hoje mudou muito. O modernismo entronizou a importância da expressão para a criança, para o adolescente e para o adulto. Liberou o adulto de normas rígidas e prescrevia a ideia de que a arte é interioridade e que você precisa liberar a sua expressão para organizar as suas imagens, fazer uma espécie até de edição de imagens [...] (Barbosa, 1998, p.1).

Entendendo sua presença na sociedade, a disciplina de arte contribui ainda para que as experiências sejam maiores e para que haja uma criação articulada, sensível e que possibilite o conhecimento, a imaginação e a percepção, sejam em momentos individuais ou em grupos. Nesse sentido, compreender que o professor é peça chave para proporcionar situações e momentos que possibilitem essas experiências torna-se essencial.

A arte traz consigo uma imensa gama de possibilidades para o desenvolvimento do indivíduo, tornando-se uma aliada importante no aprendizado dos alunos com necessidades educacionais especiais como é o caso do autismo. Dessa maneira, as atividades de artes visuais devem sempre ser um processo educacional, trazendo maior qualidade nos estímulos das habilidades cognitivas.

A imagem I, a seguir, mostra uma das possibilidades de socialização e de desenvolvimento criativo que podemos conseguir através da arte.

Figura I.



Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/09/15/dinheiro-de-telas-pintadas-por-alunos-de-escola-publica-de-porto-alegre-sera-revertido-em-ventiladores-para-salas-de-aula.ghtml>

As crianças estão vivenciando a colaboração e a socialização em grupo, cada uma com sua habilidade e característica individual, mas produzindo em um único suporte no qual cada uma tem seu espaço delimitado pelo término do espaço do outro.

Uma questão muito presente quando se inicia a docência em artes visuais na educação básica é a escolha do melhor método para ensinar. Neste contexto, os professores de artes devem buscar metodologias e didáticas significativas. É importante abandonar o vazio de práticas pedagógicas repetitivas. Verdadeiros pesquisadores disseminam práticas e metodologias inovadoras em consonância com a evolução tecnológica, cultural, política e social de seus alunos.

Nesse sentido:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (PCN's, 1997, p. 19).

Em concordância com os Parâmetros Curriculares Nacionais, Barbosa afirma que:

Vivemos imersos em um mundo tecnológico visual extremamente sofisticado e difícil, em que as imagens que usamos no cotidiano para nossa comunicação, instrução e conhecimento transformam-se em uma mercadoria valiosa e indispensável. Consequentemente, os estudantes necessitam compreender como e por que são seduzidos por um imaginário do cotidiano e de que forma podem mediar essa relação com sujeitos agentes (Barbosa, p.284, 2005).

Por essa ótica, a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa passa a impactar de forma significativa o ensino das artes visuais no Brasil, levando uma série de arte-educadores a utilizar essa proposta de ensino em suas aulas, Azevedo e Araújo reforçam em sua fala as distintas possibilidades dessa abordagem no trecho abaixo:

Por ser profundamente dialógica, a Abordagem Triangular é uma teoria aberta, já que um de seus principais atributos é ser uma teoria viva, não linear, não acabada e, portanto, fecunda. Ela possibilita ao arte/educador questionar e reorientar o seu trabalho compreende-o como sujeito da história capaz de reelaborar sua práxis (articulação entre teoria e prática) como um recriador e não como mero reproduzidor. (AZEVEDO e ARAÚJO. 2015, p.346)

A abordagem triangular nos propõe que as práticas e ações artísticas não sejam apenas o fazer por fazer, uma vez que em sua configuração ela implica diretamente em ler, fazer e contextualizar. Neste sentido, faz-se mister explicar o que venha a ser cada um desses itens.

O fazer trata-se da prática propriamente dita, o contato com a técnica no processo de produção artística. É neste momento que acontece o contato com suportes, ferramentas e materiais como diz Biancho (1997, p.25):

[...] O contato direto com diferentes materiais, possibilitando, além de experimentações lúdicas, o estudo das suas propriedades, características expressivas e evoluir para o entendimento da existência de uma linguagem visual decorrente e articuladora desse próprio fazer.

Este fazer vem acompanhado de um conhecimento técnico, mas também deve permitir que a criatividade e a expressividade estejam presentes.

Quando se fala em contextualização, refere-se ao sentido de compreender que cada indivíduo possui uma experiência de vida distinta. Pensar que tanto ele, quanto obras de arte que estão em seu convívio, são diferentes de uma pessoa para a outra. Com isso torna-se ainda mais necessário a contextualização, principalmente quando estamos inseridos em contextos históricos, sociais, geográficos e de pensamentos tão distintos.

Isso nos leva ao último item aqui listado, o ler. Sabe-se que uma das influências presentes na trajetória de Ana Mae Barbosa foi a figura de Paulo Freire³, a leitura é um fator crucial para o desenvolvimento dessa abordagem, não apenas a alfabetização para a leitura de textos, mas uma leitura visual, observando a estética e se posicionando criticamente a partir de conhecimentos e fundamentos. Isso torna possível compreender que a imagem a seguir não se trata apenas dos ícones ali presentes, mas perceber referências e sentidos buscados por quem a fez. Pode-se buscar uma possibilidade prática ao observarmos a imagem da figura II:

Figura II. legenda



Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2018/03/michelle-obama-encontra-crianca-que-ficou-fascinada-com-seu-retrato.html>

³Paulo Reglus Neves Freire foi um educador e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. É também o Patrono da Educação Brasileira.

Ao observar a imagem, entendemos que o olhar de quem a vê encontra sentidos a partir do contexto em que está inserido. Poderia ser apenas mais uma foto de uma pessoa pública, porém o olhar de identificação e admiração da criança traz outra dimensão e novos diálogos.

Na sala de aula nos deparamos com várias diferenças culturais, sociais, sexo, raça e ainda os alunos com necessidades especiais e com diferentes dificuldades. O professor deve estar preparado, pois cada dia é um novo desafio, e ele precisará entender essas dificuldades, respeitar e reconhecer essas diferenças de cada aluno. Por esse ângulo, no caso dos alunos autistas, o professor deve compreender o grau da sua dificuldade, para que durante as aulas consiga ter sucesso na convivência com o mesmo. Além disso, cada aluno é um novo desafio, apesar do diagnóstico, o comportamento pode variar de um indivíduo para o outro.

Por isso o foco do educador não deve estar apenas em diferenciar a atividade para o aluno com autismo, todo o contexto deve ser pensado, uma vez que devemos ter a inclusão como um processo coletivo no qual o aluno se sinta pertencente, ou seja, para o aluno autista e para que exista a inclusão, é necessário que o ambiente faça parte deste processo.

Dentro das abordagens metodológicas, é indispensável trazer para a discussão os pensamentos de John Dewey sobre a arte como experiência.

Pedagogo e filósofo norte-americano, Dewey trouxe ideias novas e fundamentais para o ensino como um todo. Pode-se afirmar que sua obra exterioriza a arte como experiência. Muitas das suas teorias podem ser usadas em diversas disciplinas, em especial na sala de arte. Para o autor, o professor deixa de ser o centro nas escolhas do currículo para permitir que essas questões possam partir das vivências e experiências de seus alunos Verástegui complementa esse posicionamento de Dewey deixando claro que a figura do professor (a) não será extinta, mas passa a ser relevante, como nos diz no trecho abaixo:

Nenhum professor pode ser apolítico, isto é, indiferente diante das diversas possibilidades que se oferecem a seu aluno. Se o professor tenta aliviar os problemas de desequilíbrio social e individual, que são sintomas que indicam a necessidade de encontrar o verdadeiro sentido à educação, ele deve procurar o crescimento ou evolução dele próprio e de seus alunos (VERÁSTEGUI 2012, p.28)

A experiência é algo que precisa ser vivida, pois ocorre em um processo contínuo de interações e de concepções formadas a partir da vivência diária, o contato com outras pessoas, o contato com os objetos e as atividades propostas em sala de aula. Cada indivíduo possui uma experiência distinta, mesmo onde o processo vivenciado é igual para todos, podendo ser positivas ou negativas; algumas relevantes, outras nem tanto, mas todas podem ser usadas em um momento futuro seja para ilustrar uma situação ou para evocar uma memória de um contato anterior com determinada situação. Wosniak e Lampert (2016, p. 259-260) explica como se dá o processo da arte como experiência de Dewey:

Já a filosofia da Arte como experiência de Dewey (1934) revela que o trabalho artístico perpassa todo o organismo humano, iniciando no devaneio e na produção imaginativa. Porém, necessita de ordenação, ou seja, requer que o artista domine conhecimentos específicos – de natureza técnica, relacionados ao fazer artístico. O filósofo, no desenvolver de sua teoria, comenta sobre a tomada de consciência no processo da experiência estética. Ela consiste em ter o conhecimento de todo processo de elaboração da obra de arte – da imaginação à técnica. A filosofia de Dewey centra-se principalmente em torno da experiência estética, que é intimamente ligada ao ato criador. Para o autor, a experiência estética é a forma mais elaborada de apreender conhecimento, pois unifica e potencializa processos de inteligência.

Partindo, pois, desse pensamento, a proposta metodológica de Dewey motiva o educador e o educando a pensarem o processo como um todo. Fica patente que o educador não se desvincula do artista e do pesquisador e essa deve ser a proposta oferecida aos educandos para que compreendam que a experiência se dá de forma total e não de forma fragmentada.

5. CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE ENSINO DAS ARTES VISUAIS PARA PESSOAS DO ESPECTRO AUTISTA.

Essa proposta foi elaborada com o intuito de propor uma atividade para alunos com espectro autista, entretanto devemos levar em consideração que o autismo tem uma gama de variações muito grande e o professor deve primeiro conhecer seu aluno e suas dificuldades, podendo assim adaptar as atividades de acordo com o grau do autismo do aluno. Também, faz-se necessário considerar a sua regionalidade, vivências e suporte de conhecimento, além de pensar que esse aluno é pertencente a um grupo e esse quesito também precisa ser pontuado no momento de planejamento e execução da proposta. Faz-se mister lembrar que, para este estudo, e devido à pandemia do novo Coronavírus, não houve a possibilidade de se aplicar de fato a proposta pedagógica à faixa etária descrita nela

Sobre isso, nos diz Bosa (2007, p.37):

Enfim, o autismo é uma síndrome intrigante porque desafia nosso conhecimento sobre a natureza humana. Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso próprio desenvolvimento. Estudar o autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” de onde se vislumbra o impacto da provação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo – aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar nas formas múltiplas e alternativas sem, contudo, perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – com a ética. É percorrer caminhos sem sempre equiparados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma outra linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para nossos saberes e ignorância. Se a definição de autismo passa pela dificuldade de se colocar no ponto de vista afetivo do outro [...] é, no mínimo, curioso, pertencer a uma sociedade em que raros são os espaços na rua para cadeiras de roda, poucas são as cadeiras escolares destinadas aos “canhotos” e bibliotecas equipadas para quem não pode usar os olhos para ler. Torna-se então difícil identificar quem é ou não “autista”.

O professor também deve pensar na proposta de uma maneira que seja inclusiva e não exclusiva com o aluno autista e os demais alunos da sala, pois sempre encontraremos uma sala heterogênea. Apesar de o aluno autista ter dificuldades em socializar, deve-se desenvolver o contato com os demais colegas para que possa aprender a conviver em sociedade.

Um relato importante e necessário para esse momento é o da acadêmica Biatriz Silva Lourenço, também uma das autoras desse estudo, que atua como professora do ensino médio em uma escola estadual do município de Bela Vista de Goiás. Ela diz que foi durante as aulas de Arte da 1ª série do ensino médio que teve um contato com um aluno de espectro autista moderado. Ela relata que o primeiro contato foi muito difícil, pois o aluno tinha muita resistência em conviver com os colegas e com a professora. Apesar de ser um aluno já no ensino médio, durante as aulas ele tinha muitas dificuldades com as partes teóricas e com textos; segundo ela, a maior participação do aluno se dava quando a professora trazia imagens ou música para as aulas. No decorrer das aulas, a professora percebeu que, através das imagens e músicas, ele conseguia, à sua maneira, compreender o conteúdo. Nesse sentido, durante seu relato, Biatriz informa que quando trouxe para a sala propostas imagéticas e com música, ela obteve maior êxito no desenvolvimento do adolescente e na socialização do mesmo com a sala.

Partindo dessas experiências, inicia-se o processo de pensar uma atividade que possa se inspirar na filosofia de ensino de Ana Mae Barbosa e as especificidades de um aluno com autismo e, paralelamente, entender que incluir é pensar na sala de aula onde este aluno está inserido.

Um pensamento que corrobora essa informação está na fala de Borges e Probst (2015, p.47),

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno que altera o comportamento humano, desde a linguagem até as relações interpessoais. Sabe-se que as pessoas com Transtorno do Espectro Autista tendem a ignorar as pessoas, não mantendo contato visual, não costumando estabelecer contato social, comportando-se de maneira estereotipada, repetitiva e além de possuir a necessidade de seguir sempre uma mesma rotina.

Destaca-se ainda que

Os professores precisam ajudar crianças autistas a desenvolverem seus talentos. Acho que há ênfase demais nas deficiências e pouca ênfase em desenvolver capacidades. Por exemplo, a arte costuma aparecer bem cedo. Em encontros sobre autismo, pais, professores e pessoas autistas já me deram desenhos fantásticos feitos por crianças bem novas. Em alguns casos, crianças autistas de apenas sete anos de idade sabem desenhar com perspectiva tridimensional. (GRANDIN, 2011, p. 124)

Portanto, compreendendo a necessidade de uma intervenção na sala de arte com um propósito coerente e de qualidade do qual os alunos possam ser participantes críticos da formação do conhecimento, pensando sempre que se deve trabalhar o todo para que haja a inclusão, as atividades devem ser pensadas e propostas para a sala e o aluno autista deve ser incluído no pensamento dessa atividade, para que durante o desenvolvimento da mesma ele possa ser participante e não um mero ouvinte.

Fernandes (2010, p.78), ao observar alunos com Transtornos do Espectro Autista percebeu:

Que a prática pedagógica de atividades no Ensino de Arte, que essas atividades estejam alicerçadas no aspecto sensorial e perceptivo e devem ser realizadas por meio da exploração de diversos materiais. Dessa maneira, haverá conciliação de temas direcionados para o entendimento e a simbologia das expressões afetivas, da imagem pessoal e do mundo ao redor para a interação dos alunos com TEA.

Isso posto, busca-se com a proposta abaixo propor um caminho pelo qual a atividade seja significativa para os alunos da sala como um todo e que o autista consiga desenvolver uma atividade que contribua para seu processo de aprendizagem.

TEMA DA AULA: Stop Motion

OBJETIVO(S):

Tecnologias e recursos digitais.

(GO-EF06AR04-A) Distinguir, explorar e empregar diferentes formas de expressão artística existentes, tais como: desenhos, pinturas, colagens, gravuras, HQ, zines, memes, dobraduras, esculturas, modelagens, instalações, vídeos, fotografias, performances, grafite, intervenções artísticas, tecelagens fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos, técnicas convencionais e não convencionais. Compreender os processos de criação artística bem como suas possibilidades distintas na bidimensionalidade e tridimensionalidade, articulados com a poética pessoal.

CONTEÚDOS:

Stop Motion

Curta Metragem
Massa de Modelar

METODOLOGIA:

Aula 01: Exposição de trechos de filmes e curta metragem;

Aula 02: Roda de conversa para dialogar sobre a compreensão a partir dos vídeos assistidos;

Aula 03: Exposição do conteúdo (Stop Motion, curta metragem e massa de modelar);

Aula 04: Relato escrito sobre a compreensão do conteúdo visto;

Aula 05: Dividir os trios (neste momento os alunos autista também devem participar dessa divisão a fim de que se sintam incluídos e pertencentes ao grupo) e apresentar a proposta da atividade;

Aula 06: Partindo de um momento vivido pelo trio eles deverão construir um roteiro para produção do curta-metragem;

Aula 07: Fazer a massa de modelar (Ingredientes: 4 xícaras de farinha de trigo, 3 colheres de sopa de óleo, 1 1/2 xícara de água, 1 xícara de sal, 1 colher de sopa de vinagre e corante alimentício);

Aula 08: Produzir os cenários e os personagens com a massa de modelar e iniciar as fotografias;

Aula 09: Concluir as fotografias;

Aula 10: Fazer o vídeo a partir das fotos feitas por eles;

Aula 11 e 12: Exposição dos curtas-metragens e explicação dos processos vivenciados por eles.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Trechos de filmes que usam a técnica de Stop Motion como Coraline. Direção: Henri Selick. Produção de Laika. Estados Unidos da América: Universal Pictures, 2009. Netflix.

O Pequeno Príncipe. Direção Mark Osborne. Produção de Dimitri Rassam, Aton Soumache, Alexis Vonarb. França/Canadá: Paramount Pictures, 2015. Netflix,

A fuga das Galinhas. Direção Peter Lord e Nick Park. Produção de Nick Park, Peter Lord e David Sproxton. Estados Unidos/Reino Unido: Dreamworks Pictures, e curtas-metragens disponíveis no You Tube.

Para o desenvolvimento desta aula, o celular será usado como recurso para a captura das imagens e para produção do vídeo serão utilizados aplicativos como o Stop Motion Studio, PicPac Stop Motion & TimeLapse e outros disponíveis nas lojas de aplicativos dos celulares.

AVALIAÇÃO:

Avaliar a descrição textual de cada aluno sobre o que ele compreendeu sobre o que é um filme Stop Motion (faz-se necessário avaliar a escrita dos alunos autistas uma vez que esta pode ser uma das opções de comunicação com este aluno, levando em conta que em alguns casos mais severos o aluno não desenvolve a fala).

Avaliar o processo dos trios no decorrer da atividade, pensando sempre que o mais relevante não é a produção final, mas sim os caminhos trilhados durante a produção, levando em consideração pontos como: solução de conflitos, socialização com os integrantes do trio, desenvolvimento do aluno autista durante a atividade entre outros. No último momento avaliar a apresentação de cada trio e o produto final que será um filme curta metragem.

Pensando na proposta de planejamento apresentada, faz-se necessário uma explanação de como se pretende desenvolver esta atividade em sala de aula.

A dinâmica para esse momento foi pensada nas questões que as acadêmicas Biatriz Silva Lourenço e Dhárley Aires de Oliveira, também autoras desse estudo, trouxeram sobre suas vivências em sala de aula no que diz respeito ao funcionamento das aulas e do planejamento. A aula será dividida em 3 quinzenas, pois as aulas de arte no ensino fundamental são divididas em 2 aulas semanais, podendo ser seguidas ou em dias diferentes (propõe-se que para um melhor funcionamento do planejamento essas aulas sejam seguidas, pois possibilita um melhor desenvolvimento).

As atividades propostas no planejamento dispõem de 3 quinzenas, totalizando 12 aulas. Na primeira e na segunda aula deverá ser feita uma mostra das partes dos

filmes que foram feitos a partir da técnica de Stop Motion, os filmes que serão usados estão descritos no planejamento acima citado. Uma fala que justifica o uso das imagens para uma leitura visual é a de Barbosa que nos diz:

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p.17)

Pensando nesta concepção de leitura de imagem, as aulas três e quatro destinam-se para um momento de diálogo e reflexão sobre como os alunos pensam que os filmes foram produzidos e quais técnicas, materiais e ferramentas foram usados. O ideal é que a sala esteja organizada em círculo para que possa ser feito um contato visual entre os alunos e o professor. Esse momento precisa ser mais dinâmico, fazendo com que os educandos sintam-se mais livres para expor seus pensamentos, lembrando sempre de reforçar que não se procura certo ou errado, mas sim o que eles pensam sobre a estrutura da aula e seus objetivos.

Ainda neste momento, é indispensável que ao encaminhar-se para o final da discussão seja feito um desfecho de como os filmes foram produzidos, enfatizando os materiais e elementos, como por exemplo, a massa de modelar. É neste momento final que será feita uma verificação de aprendizagem a partir de um relato escrito daquilo que os educandos compreenderam, as novas descobertas, o que eles já sabiam entre outras informações que eles considerem necessário incluir.

Durante as aulas 5 e 6 deve ser apresentada a proposta da atividade que os educandos irão produzir. Para tanto, sugere-se dividir a sala em trios, pensando que os alunos trabalharão a socialização como fator indispensável para a atividade. Para o aluno autista, isso não pode ser um momento desconfortável com um grupo muito grande, uma vez que as interações sociais dessa criança/adolescente possuem alguns prejuízos como justifica Ferreira (2015, p.37):

A respeito da dificuldade de interação social do transtorno autístico, Hobson (2004) em uma pesquisa com crianças cegas e com crianças autistas, concluiu que a semelhança entre ambas está na dificuldade de se relacionarem com alguém, pois a orientação de mundo não é a mesma para os outros e para si própria. As diferenças se dão no fato de que uma criança que não enxerga não consegue ver como as pessoas se relacionam com o mundo (no sentido da visão) e uma criança autista não consegue ver como uma pessoa se relaciona com o mundo (no sentido da percepção emocional). Ou seja, no caso do autismo, a dificuldade não está em conseguir enxergar e sim em perceber como as outras pessoas se relacionam com as coisas, com os sentimentos e como ser responsivo a esses sentimentos. Nesse caso, não é a visão que está perdida, mas a capacidade de compreender as expressões das pessoas com o sentimento apropriado.

Portanto, o grupo de alunos deve ser menor, mas não deixando de maneira alguma de introduzir sempre que possível esse contato interpessoal. A atividade proposta será a criação de um filme curta-metragem, feito com as técnicas de Stop Motion usando massa de modelar para construção dos personagens e do cenário; o professor deve orientar sobre como produzir um filme curta metragem e a parte inicial dessa produção é a criação de um roteiro, com início, meio e fim. Dessa maneira, a história criada por cada trio deverá ter como tema a retratação de algum momento vivido pelos integrantes do grupo. Após a explicação, os alunos terão o restante da aula para a construção e apresentação do roteiro o que nos levará para os processos seguintes nas aulas 7 e 8.

Na aula 7 o propósito será fazer a massa de modelar com materiais caseiros e acessíveis (farinha de trigo, sal, óleo e vinagre).

Segundo Montagu (1988, apud Fernandes, 2010, p.56):

Serve para manter tanto o tônus sensorial quanto o motor. O cérebro precisa ser realimentado por informações oriundas da pele, a fim de efetuar os ajustamentos necessários em respostas aos dados captados. O feedback da pele para o cérebro é contínuo, mesmo durante o sono.

Preparada a massa de modelar, os alunos terão a liberdade criativa para colori-la, elaborando seu próprio cenário e personagens e iniciando o processo das fotografias, para que nas aulas 9 e 10 os mesmos possam finalizar as fotos e montar o filme no aplicativo que escolherem.

Após a conclusão da criação do filme, cada trio terá um momento para explicar e exibir seu filme curta metragem para a sala em uma amostra a ser realizada nas aulas 11 e 12, dedicadas a esse propósito.

Ainda a Dra. em arte e educação Lorena Barolo Fernandes, ao observar alunos com TEA percebeu:

Que a prática pedagógica de atividades no Ensino de Arte, que essas atividades estejam alicerçadas no aspecto sensorial e perceptivo e devem ser realizadas por meio da exploração de diversos materiais. Dessa maneira haverá conciliação de temas direcionados para o entendimento e a simbologia das expressões afetivas, da imagem pessoal e do mundo ao redor para a interação dos alunos com TEA.(FERNANDES. 2010, P. 78)

A partir deste pensamento de Fernandes, entende-se que com essa atividade proposta consegue-se alcançar uma atividade inclusiva onde alunos autistas possam participar e interagir durante todo o desenvolvimento desde a aula 1 até a aula 12, não havendo necessidade de retirar esse aluno em momento nenhum do convívio social com os demais colegas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar de se observar algumas propostas pedagógicas e metodologias de ensino de artes visuais, compreende-se que o papel do docente enquanto organizador e facilitador do trabalho pedagógico não está voltado apenas para um planejamento específico para crianças do espectro autista, mas que sim, este deve planejar de modo a incluir estas crianças e não individualizá-las em suas necessidades especiais. É preciso propor ações que o desenvolva no tocante à socialização e à integração da linguagem com demais alunos.

Perceber-se como parte de um todo é de suma importância para o autista, uma vez que a sua socialização está entre as áreas mais comprometidas pelo transtorno, assim como sua comunicação oral.

A Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa possibilita uma organização intelectual, com mais coerência e facilidade para que o professor tenha consciência de uma construção curricular. Assim, no seu tempo, permite a este uma visualização integral e sistemática dos conteúdos que são apresentados em sequência lógica contextualizada, leitura e, por fim, o fazer artístico de forma didática e sequencial.

Assim esta abordagem torna-se inclusiva para crianças autistas ao passo que ela cria uma “rotina” de trabalho, tendo em vista que, para o seu aprendizado, a criança com autismo necessita de uma previsibilidade das atividades que vierem a acontecer. Por conseguinte, e de maneira cognitivamente lógica, a criança aprende a se organizar, tornando as mudanças menos abruptas.

Entende-se que existem sempre novas referências científicas e bibliográficas que podem e devem ser acrescentadas aos conhecimentos já adquiridos, pois o que mais se compreende com os estudos aqui realizados é que o Autismo ainda não possui um diagnóstico fechado, e cada novo dia possibilita novo aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998. B
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda P. da (Org.). **A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010
- BARBOSA, Ana Mae; **Arte/educação contemporânea: Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005
- BARBOSA, Ana Mae; **Arte no ensino médio e transferência de cognição** *Olhares: Revista do departamento De Educação Da Unifesp*. Guarulhos, v. 5, n. 2, novembro 2017, Disponível em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/746/261> Acessado em 16/03/2021 às 21:00horas
- BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. Transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010. 43p.
- BIANCHO, Antônio. **Um Aplicativo Multimídia para o Ensino da Arte: Geometria**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Artes Visuais, UnB - Orientadora Prof.a. Dra. Suzete Venturelli, 1997.
- BORGES, Rosicléia Melori Ribeiro. PROBST, Melissa. **Transtorno do espectro autista (TEA) e as artes: o ensino da arte no universo autista**. Revista de Educação Dom Alberto, n. 7, v. 1, jan./jul. 2015
- BOSA, Cleonice. **Atuais interpretações para antigas observações**. In.: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice; et. al. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> Acesso em: 02/05/2021.
- COLA, César Pereira. **Metodologias para o ensino de Artes Visuais- UAB 2017**
- FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. **Metodologia do Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez.
- FERREIRA, Beatriz Soares de Araújo. **Um Estudo Sobre As Conexões Afetivas No Autismo**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=25540@1> Acessado em 02/05/2021 às 11:29horas.

FRANÇA, S. D. **Inclusão de alunos com NEE no ensino superior: um estudo de caso na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Programa de Doutorado em Ciências da Educação, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, 2014. https://pdfhoney.com/pdfdocx.html?queue_id=6050db4e421873584a8b45c

GITAHY, Ana Maria. **Artes Visuais na Educação Inclusiva: Metodologias e práticas do Instituto Rodrigo Mendes/ Ana Maria Gitahy, José Cavalhero, Rodrigo Hübner Mendes**. - São Paulo: Peirópolis, 2010.

JUNIOR, Francisco Paiva. **O que é Autismos, Saiba a definição de Transtorno do Espectro do Autismo**. Revista Autismo, São Paulo, VI, 10, 8. Setembro de 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

MELLO, Ana Maria: **Autismo Guia Prática. Edição PDF. Agosto de 2003**- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia: **Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão**. Disponível em http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf Acessado em 16/11/2020 às 23horas

OLIVEIRA, Gabriel Gonçalves, VELOSO, Lérica Maria Mendes. **Principais desafios na inclusão dos alunos com deficiência no sistema educacional**. (Belo Horizonte, online) [online]. 2017, vol.2, n.2. ISSN 2526-1126. <http://pensaraeducacao.com.br/reducacaobasica/wp-content/uploads/sites/5/2019/03/09-Gabriel-Goncalves-PRINCIPAIS-DESAFIOS-NA-INCLUSÃO-DOS-ALUNOS-COM-DEFICIÊNCIA.pdf> Acessado em 16/03/2021 as 13 horas

SZABO, Cleusa Barbosa. **Autismo - Um Mundo Estranho**. Editora: Edicon Ano: 1999

VERÁSTEGUI, Rosa de Lourdes Aguilar, **Dewey e a proposta democrática na educação**. Revista Redescrições – Revista online do GT de Pragmatismo Ano 3, Número 4, 2012.(p.24 a 32)

WOSNIAK, Fábio; LAMPERT, Jocielle. **Arte como experiência: ensino/aprendizagem em Artes Visuais**. 258 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 258-273, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>

ANEXOS

QUESTIONÁRIO REALIZADO COM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Nome do(a) professor(a): Dhárley Aires de Oliveira
Escola de atuação: Escola Estadual Professora Marinete Silva
Cidade: Goiânia-Go

1. Faixa Etária:

20 a 30 anos 41 a 50 anos
 31 a 40 anos Outra

2. Escolaridade:

Ensino Médio
 Ensino Superior
 Especialização. Caso Sim, Qual?

3. Tempo de trabalho em carreira escolar:

1 ano de 5 a 10 anos de 15 a 20 anos
 de 1 a 5 anos de 10 a 15 anos Mais de 20 anos

4. Tempo de trabalho com alunos com necessidades especiais:

1 ano de 5 a 10 anos de 15 a 20 anos
 de 1 a 5 anos de 10 a 15 anos Mais de 20 anos

5. De forma geral qual a sua concepção sobre a inclusão educacional?

Penso que o processo de inclusão é mais do que ter um aluno com necessidades especiais dentro de uma sala de aula, incluir é trazer esse aluno para o convívio social junto com os demais.

6. Como define o autismo?

Para mim o autismo é um transtorno que atinge o indivíduo na área da comunicação e interação social, fazendo com que esse aluno tenha dificuldades de fala e interação junto aos seus pares. Além de gerar outras dificuldades de aprendizado.

7. Quais as necessidades os alunos apresentam em relação à aprendizagem e interação social?

O aluno autista necessita de uma pessoa especialista na área de inclusão para acompanhá-lo durante as aulas e um olhar atento do educador. E precisará que este mesmo educador proporcione momentos de interação para que ele possa vivenciar o contato com os colegas. Recordo-me que no meu segundo ano atuando como professora tive em minha sala dois alunos autistas, eles eram irmãos e ambos tinham laudo de autista, uma menina e um menino, na menina os sintomas eram em um grau mais leve, ela conseguia interagir com alguns colegas e sempre que eu interagía com ela, ela conseguia me responder e participar, já o menino era em um grau de comprometimento severo, não havia fala, apenas a emissão de um único som (mi,mi,mi,mi,mi) que às vezes indicava algo outras não. Havia uma professora de apoio na sala que se dedicava exclusivamente ao atendimento do menino, respondendo a questão o que acontecia era que devido o grau de comprometimento do menino e a necessidade de acompanhamento constante eu percebi que ele se desenvolveu melhor que a irmã que não tinha o acompanhamento constante, mas por ela estar na sala a interação social dela era melhor que a do irmão dela

8. Quais áreas de desenvolvimento a criança apresenta maior necessidade interventiva para interação social?

No caso que já convivi em sala, a maior dificuldade está em iniciar uma conversa com os colegas, com assuntos conexos e que façam sentido, pois na maioria das vezes as falas deles não são contextualizadas com o diálogo de seus colegas.

9. Qual método de apoio é utilizado para estimular o desenvolvimento e interação entre os alunos?

Nas escolas que já trabalhei o que sempre era usado eram as professoras de apoio e devido à falta de conhecimento, quase sempre esses alunos eram levados para uma sala de atendimento especializado, fazendo com que eles quase nunca participassem das aulas. O que compreendo que não configure de forma alguma as propostas de inclusão.

10. Você acredita que é possível a inclusão escolar para alunos autistas? Justifique.

Sim, sem sombra de dúvidas é possível sim, quando focamos nas habilidades ao invés de focar nas dificuldades conseguimos ver de outra perspectiva, é claro que para que exista essa inclusão, nossas escolas e professores necessitam estar de fato qualificados para receber esse aluno em sala e se adaptar para que esse aluno se desenvolva em sala junto aos seus colegas.

QUESTIONÁRIO REALIZADO COM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Nome do(a) professor(a): Biatriz Silva Lourenço

Escola de atuação: Centro de Ensino em Período Integral Pedro Vieira Januário

Cidade: Bela Vista de Goiás - Go

1. Faixa Etária:

20 a 30 anos

41 a 50 anos

31 a 40 anos

Outra. ____

2. Escolaridade:

Ensino Médio

Ensino Superior

Especialização.

Caso Sim, Qual? _____

3. Tempo de trabalho em carreira escolar:

1 ano

de 5 a 10 anos

de 15 a 20 anos

de 1 a 5 anos

de 10 a 15 anos

Mais de 20 anos

4. Tempo de trabalho com alunos com necessidades especiais:

1 ano

de 5 a 10 anos

de 15 a 20 anos

de 1 a 5 anos

de 10 a 15 anos

Mais de 20 anos

5. De forma geral qual a sua concepção sobre a inclusão educacional?

A inclusão e não apenas adaptar tarefas para alunos com necessidades especiais, e conseguir que esse aluno se sinta inserido dentro da sala de aula e que possa desenvolver seus conhecimentos de acordo com suas capacidades.

6. Como define o autismo?

O autismo é um transtorno de comportamento, no qual a criança tem dificuldade de socialização, em alguns a fala é afetada, muitas vezes e desenvolvidos comportamentos repetitivos.

7. Quais as necessidades os alunos apresentam em relação à aprendizagem e interação social?

A questão da aprendizagem varia muito de aluno para aluno autista, pois alguns têm uma inteligência à frente da sua idade, já outros têm dificuldades na aprendizagem e no desenvolvimento da coordenação motora fina. A interação social é um ponto bem complicado, pois é uma característica do autista se fechar em seu mundo, muitas vezes a convivência com pessoas adultas e crianças menores é de mais fácil interação do que com crianças da mesma idade. Por isso deve-se desenvolver essa interação

entre crianças da mesma idade durante as aulas pois de uma forma mais lúdica terá o resultado esperado tanto na interação quanto na aprendizagem.

8. Quais áreas de desenvolvimento a criança apresenta maior necessidade interventiva para interação social?

As áreas de intervenção variam de criança e o seu grau de autismo, na maioria das vezes e a comunicação e socialização com o meio que está inserido.

9. Qual método de apoio é utilizado para estimular o desenvolvimento e interação entre os alunos?

Durante nossa pesquisa, por momentos me deparei com a problemática da socialização do aluno autista, então isso nos fez pensar num modo de estimular esse convívio com outras pessoas, onde na nossa proposta pensamos no trabalho em trio assim aos poucos desenvolvendo a convivência com os colegas da sala. Pois o aluno autista deve ser aos poucos para que não haja rejeição logo de imediato ou um trauma que leve o aluno a uma crise de ansiedade

10. Você acredita que é possível a inclusão escolar para alunos autistas? Justifique.

A inclusão é um processo que envolve toda a escola, desde a entrada até a saída do aluno. O professor é uma peça muito importante nesse processo pois ele é quem passa o maior tempo com o aluno, ele tem um papel de articulador entre a socialização do aluno autista com os demais colegas, através de atividades propostas no decorrer das aulas. Acredito muito na inclusão escolar, por isso criamos essa proposta pedagógica baseada em estudos, entrevista com mãe e da nossa vivência como professora de arte, para que possa auxiliar um pouco os professores de Arte.

QUESTIONÁRIO REALIZADO COM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Nome do(a) professor(a): Jheiny Pereira de Oliveira

Escola de atuação: CEPI Cultura e Cooperativismo

Cidade: Goiânia

1. Faixa Etária:

20 a 30 anos

31 a 40 anos

41 a 50 anos

Outra. ____

2. Escolaridade:

Ensino Médio

Ensino Superior

Especialização.

Caso Sim, Qual? Especialização em Educação Física Escolar com ênfase em Educação Inclusiva

3. Tempo de trabalho em carreira escolar:

1 ano

de 5 a 10 anos

de 15 a 20 anos

de 1 a 5 anos

de 10 a 15 anos

Mais de 20 anos

4. Tempo de trabalho com alunos com necessidades especiais:

1 ano

de 5 a 10 anos

de 15 a 20 anos

de 1 a 5 anos

de 10 a 15 anos

Mais de 20 anos

5. De forma geral qual a sua concepção sobre a inclusão educacional?

Promover e realizar um conjunto de ações que combatem a exclusão aos benefícios proporcionados pelo ambiente educacional, de maneira que, todos gozem das mesmas oportunidades.

6. Como define o autismo?

Transtorno de desenvolvimento que prejudica a capacidade de comunicar e interagir, prejudicando o convívio com as pessoas e o ambiente.

7. Quais as necessidades os alunos apresentam em relação à aprendizagem e interação social?

Necessidades relacionadas ao conhecimento e esclarecimento sobre esse e diversos outros assuntos.

8. Quais áreas de desenvolvimento a criança apresenta maior necessidade interventiva para interação social?

Sociais, Intelectuais e Afetivos.

9. Qual método de apoio é utilizado para estimular o desenvolvimento e interação entre os alunos?

Atividades curriculares e extracurriculares pautadas no assunto que promovam autoconhecimento e socialização.

10. Você acredita que é possível a inclusão escolar para alunos autistas? Justifique.

Sim, os autistas podem apresentar dificuldades de socialização e comunicação, dentre outros, mas mesmo assim podem ter uma vida considerada "normal" para os padrões da sociedade.

QUESTIONÁRIO REALIZADO COM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

Nome do(a) professor(a): Reny Felix de Assis Filho

Escola de atuação: CEPMG NÉSTORIO Ribeiro

Cidade: Jatai-Go

1. Faixa Etária:

20 a 30 anos

31 a 40 anos

41 a 50 anos

Outra. ____

2. Escolaridade:

Ensino Médio

Ensino Superior

Especialização.

Caso Sim, Qual? História das Religiões

3. Tempo de trabalho em carreira escolar:

1 ano

de 5 a 10 anos

de 15 a 20 anos

de 1 a 5 anos

de 10 a 15 anos

Mais de 20 anos

4. Tempo de trabalho com alunos com necessidades especiais:

1 ano

de 5 a 10 anos

de 15 a 20 anos

de 1 a 5 anos

de 10 a 15 anos

Mais de 20 anos

5. De forma geral qual a sua concepção sobre a inclusão educacional?

Tentativa de garantir o direito a educação a todos, independentemente de diversidade étnica ,social, intelectual, física, etc...

6. Como define o autismo?

Transtorno que têm como sintomas comuns, dificuldade de comunicação, interações sociais.

7. Quais as necessidades os alunos apresentam em relação à aprendizagem e interação social?

Não trabalhei diretamente com alunos autista, durante meu tempo de trabalho, nem tive nem uma matéria sobre inclusão no período de graduação.

8. Quais áreas de desenvolvimento a criança apresenta maior necessidade interventiva para interação social?

Não trabalhei diretamente com alunos autista, durante meu tempo de trabalho, nem tive nem uma matéria sobre inclusão no período de graduação.

9. Qual método de apoio é utilizado para estimular o desenvolvimento e interação entre os alunos?

Não trabalhei diretamente com alunos autista, durante meu tempo de trabalho, nem tive nem uma matéria sobre inclusão no período de graduação.

10. Você acredita que é possível a inclusão escolar para alunos autistas? Justifique.

Sim, com uma construção coletiva de planos de trabalho, flexibilização das atividades, interlocução entre sala de aula e Atendimento Educacional Especializado (AEE).

ENTREVISTA COM MÃE COM FILHO(A) AUTISTA

1. Qual foi o primeiro sinal que percebeu algo diferente?

O primeiro sinal que notamos no desenvolvimento do aluno 1 foi o atraso na fala, até os dois anos eles não falava nenhuma palavra e balbuciava alguns sons quanto queria que alguma necessidade fosse atendida.

2. Qual profissional procurar primeiramente?

A primeira profissional que procuramos foi uma fonoaudióloga, quando ele estava com 2 anos e meio. Nessa ocasião ela nos disse que era normal esse atraso em algumas crianças e que precisávamos aguardar o desenvolvimento da criança, o mesmo já havia sido dito pela pediatra quando falamos sobre esse atraso.

Aos 3 anos, começamos a notar outros comportamentos no aluno 1 que eram diferentes de outras crianças na idade dele, por exemplo, a dificuldade em brincar com outras crianças. Ele não mostrava nenhum interesse em brincar com seus pares, preferindo ficar com seus brinquedos sozinhos.

Foi com essa idade, 3 anos, que buscamos um neuropediatra que deu o primeiro diagnóstico de transtorno do espectro autista, leve.

3. Após o diagnóstico do(a) seu (sua) filho(a) quais os profissionais realizam acompanhamento com ele?

Após o diagnóstico inicial da neuropediatra fomos orientados a buscar terapias que promovessem o desenvolvimento da sua fala.

Iniciamos a terapia com uma fonoaudióloga especialista em crianças do TEA que realizava as sessões com o aluno 1, 2 vezes na semana. As sessões com a fonoaudióloga aconteceram dos 3 aos 6 anos.

Junto com as sessões de fonoaudiologia, também fazia terapia comportamental com uma psicóloga especialista em DIR/FLOORTIME. As sessões de terapia comportamental aconteciam uma vez na semana.

Durante a fase de alfabetização, resolvemos substituir a terapia comportamental pelo acompanhamento de uma psicopedagoga. Nesse período, ele era acompanhado uma vez na semana, e nesses momentos eram trabalhadas as habilidades necessárias para a alfabetização.

4. O que percebeu em seu (sua) filho(a) que chama mais a atenção dele?

Atualmente, o aluno 1 está com 9 anos, o que chama mais atenção em relação ao seu comportamento é a dificuldade que apresenta em relação a socialização.

Apesar de querer socializar, brincar e ter amigos, ele não consegue chegar e estabelecer uma conversa, por exemplo. Às vezes ele chega próximo a crianças de sua idade e fala sobre alguma coisa totalmente desconexa da situação, alguma fala de um filme que assistiu ou algo que pesquisou na internet. Outro comportamento que atualmente tem acontecido é o hiperfoco, às vezes ele quer ficar horas pesquisando sobre um assunto que lhe chama atenção.

5. A dificuldade de sociabilização é maior com crianças da mesma idade ou adultos?

A socialização é prejudicada com crianças da mesma idade, ele consegue se relacionar melhor com crianças menores e com adultos. Com as crianças de sua idade, ele demonstra descaso, e até mesmo uma rejeição pelas diferenças e dificuldades que ele tem.

6. Na escola ele tem um suporte pedagógico?

O aluno 1 não tem apoio pedagógico na escola, a avaliação feita por uma neuropsicóloga indicou que não havia necessidade. Apesar de atualmente, eu como

mãe e professora, achar que a falta de uma pessoa o acompanhando mais de perto tem prejudicado seu aprendizado.

7. Quais as maiores dificuldades no dia a dia do seu filho?

Considerando que a dificuldade de socialização seja o que causa mais impacto no dia a dia do meu filho, ele é uma criança inteligente, carinhosa, educada, mas é uma criança sozinha por não conseguir estabelecer vínculos de amizades que são comuns na sua idade.